

MÚSICA E EDUCAÇÃO INFANTIL: POSSIBILIDADES DE TRABALHO NA PERSPECTIVA DE UMA PEDAGOGIA DA INFÂNCIA

NOGUEIRA, Monique Andries – UFG

GT: Educação da Criança de 0 a 6 anos / n.07

Agência Financiadora: Não contou com financiamento

Introdução:

O processo de consolidação da Educação Infantil como primeira etapa da educação básica tem sido marcado por um intenso debate no qual fica manifesta uma crescente tentativa de compreensão acerca dos processos de desenvolvimento das crianças, assim como de seus mecanismos de apropriação de significados e de suas inúmeras e ilimitadas formas de expressão.

A partir de um conjunto de leis e documentos oficiais, tais como a Constituição Federal de 1988, o Estatuto da Criança e do Adolescente (1990), a LDBEN 9394/96, os Referenciais Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (1998), além de normatizações em nível estadual e municipal, mudanças têm sido verificadas, abrangendo um redimensionamento das concepções, das práticas pedagógicas e da atuação dos profissionais envolvidos.

É nesse contexto que o papel das linguagens artísticas no desenvolvimento da criança de 0 a 6 anos tem se tornado objeto de investigação no Brasil e no exterior (EDWARDS, 1999 e KRAMER, 1998). As práticas educativas de Reggio Emilia, região do norte da Itália, têm sido acompanhadas com grande interesse, particularmente na visão da criança como portadora de uma cultura específica e singular. É sabido que, nesta perspectiva, as produções artísticas das crianças, entendidas enquanto formas de expressão, ganham destaque, principalmente no âmbito das artes visuais.

No entanto, pouco se sabe a respeito do trabalho pedagógico desenvolvido a partir da linguagem musical. Levantamento prévio feito em publicações em português, na área da Educação Infantil, aponta para um quase total silêncio a respeito desta temática. Da mesma forma, nos encontros e congressos realizados no Brasil, trabalhos que envolvam a linguagem musical nas creches e pré escolas são raros e, quando existentes, são pouco relevantes, isto é, não apresentam avanços significativos. Nesse sentido, esse tema tem permanecido marginal, limitando-se a esparsos relatos de experiências, pouco fundamentadas teoricamente.

Por outro lado, a música está presente, de modo inequívoco, no cotidiano das crianças. Os brinquedos musicais fazem parte da vida da criança desde muito cedo – é

por meio dos acalantos, das parlendas, dos brinquedos ritmados entre mãe e bebê, que se estabelecem as primeiras experiências lúdico-musicais da vida humana. Mais tarde, outros tipos de brincadeiras musicais, cada vez mais dinâmicas e diversificadas, vão ampliando os referenciais auditivos das crianças, num processo sempre crescente. Este processo tende a se intensificar com o acesso aos meios de comunicação de massas e a diferentes fontes sonoras, processo esse atualmente bastante disseminado junto às diferentes camadas da população brasileira. Sobre isso, é sintomático que levantamentos socioeconômicos feitos junto a populações carentes têm detectado a presença de aparelhos de som em quase 90% das residências, índice superior a outros eletrodomésticos em geral tidos como de primeira necessidade. Esses dados confirmam o pensamento de Snyders quando afirma que nunca uma geração viveu a música tão intensamente quanto as atuais (1992).

Contudo, a pesquisa acerca da música nos ambientes da educação básica, em particular nos da Educação Infantil, permanece tímida. Nos meios acadêmicos da área da Educação, tende a ser vista como ornamental, pouco substantiva, ou é tratada de forma pouco científica; no campo da Música, é pouco valorizada ou carece de concepções mais sólidas a respeito da Educação Infantil como primeira etapa da educação básica. É no ensejo de contribuir para o avanço na produção de conhecimentos que levem a propostas mais consistentes no que tange à música como linguagem expressiva cara à criança pequena, que se funda este trabalho.

1. A música nas instituições de Educação Infantil de Goiânia

Temos, durante vários anos, acompanhado a questão da música nas instituições de educação infantil no município de Goiânia. No cotidiano destas instituições, a música tem atendido a muitos objetivos, de acordo com as diferentes concepções pedagógicas a que se filiam.

É perceptível, no entanto, a hegemonia de concepções pedagógicas tradicionais, nas quais a música, quase sempre reduzida à forma de canção, não tem especificidade ou conteúdos próprios. Serve sempre de estratégia para a obtenção de padrões de comportamento, tais como lanchar, formar a fila, descansar (“musiquinhas de comando”) ou para a fixação de conteúdos de outras áreas (canções para conhecer as vogais, para aprender os numerais), na questionável tentativa de uma alfabetização precoce. Outra prática recorrente é a da utilização da música dentro de um rígido calendário das festividades: música para o Dia das Mães, para a Páscoa, para o Dia do

Índio, num infinito rol de comemorações, quase nunca efetivamente significativas para a criança. E, no afã de cumprir com esse extenso calendário, muitas vezes o educador deixa de explorar as possibilidades expressivas da música, deixando de proporcionar à criança um contato mais exploratório e prazeroso com a linguagem musical, cuidando apenas do resultado final a ser apresentado ao término de tediosos ensaios. Ou seja, a riqueza do processo de exploração e descoberta das delícias da música e do movimento é menosprezada em função de uma ênfase na apresentação, em um produto final mecânico, estereotipado, quase sempre pouco expressivo.

Ao se analisar as práticas musicais presentes nas creches e pré-escolas brasileiras, percebe-se que o trabalho pedagógico na área de música encontra-se bastante defasado em relação a outras áreas do conhecimento, as quais, em sua grande parte, já apontam para uma concepção de educação infantil mais crítica e transformadora. Até mesmo no amplo espectro da arte, podemos verificar que as propostas em artes visuais têm acompanhado mais de perto essa concepção (como, por exemplo, LEITE, 1998, entre outros). Em um momento em que os diferentes profissionais envolvidos travam um significativo esforço no sentido de redimensionar as práticas, as abordagens, os ambientes e modos de atuação, a música, paradoxalmente, continua sendo trabalhada, e o que é mais grave, compreendida, de forma mecanicista e convencional.

São diversas as explicações para que isso aconteça: vão desde razões históricas que apontam para uma desvalorização das linguagens artísticas na escola (FUSARI e FERAZ, 1992 e BARBOSA, 1995), passando por deficiências na formação dos professores, tanto na de especialistas (licenciados em música), quanto na de pedagogos, até a falta de ambiente e material adequado. Nesse sentido, salta aos olhos, a dificuldade que acompanha grande parte dos educadores de crianças pequenas, no sentido de explorar a música nas suas múltiplas possibilidades. Muitos apontam para limitações de ordem pessoal (“*não sei tocar nenhum instrumento*”, “*sou desafinada*”) para justificar a ausência da linguagem musical no cotidiano de seus alunos. Outra queixa comum – recorrente nos mais diversos espaços nos quais lidamos com profissionais da educação infantil, tais como seminários e cursos de extensão – é a da falta de material de qualidade, particularmente CDs, fitas e vídeos. Questionam-se como poderão ampliar os referenciais musicais das crianças, se não têm acesso a outros tipos de produção, além daquelas veiculadas pelos grandes meios de comunicação, produtos da indústria cultural caracterizados por sua pouca qualidade estética (NOGUEIRA, 2001 e 2004).

Sobre este ponto – a dificuldade de se garantir um convívio com um repertório musical de boa qualidade – é que se estrutura o projeto de pesquisa que explicitaremos posteriormente. Segundo Adorno, gosta-se daquilo que se reconhece auditivamente:

se perguntarmos a alguém se gosta de uma música de sucesso lançada no mercado, não conseguiremos nos furtar à suspeita de que o gostar e o não gostar já não correspondem ao estado real, ainda que a pessoa interrogada se exprima em termos de gostar e não gostar. Ao invés do valor da própria coisa, o critério de julgamento é o fato de a canção de sucesso ser conhecida de todos; gostar de um disco de sucesso é quase exatamente o mesmo que reconhecê-lo (1983, p.165).

Não nos parece difícil reconhecer a atualidade do pensamento adorniano. A força das mídias na construção do gosto musical é fato incontestável. Um exemplo disso é que a simples introdução de determinada canção em uma trilha sonora de telenovela – o que por si só já garante sua veiculação massiva ao longo de pelo menos oito meses - é capaz de lançar ao estrelato (com significativo impulso em suas vendas) compositores antes anônimos; até mesmo compositores consagrados, mas tidos como não comerciais (entenda-se: cujas vendas não alcançam os padrões estratosféricos pretendidos pela indústria fonográfica), vez por outra, envolvem-se com o canto da sereia e reaquecem suas contas bancárias com temas para casais enamorados da telinha.

A construção do gosto musical da criança enquanto ser social passa, obviamente, pelo mesmo processo. Por isso é tão comum o argumento das educadoras de que é esse tipo de canção que as crianças gostam (ou *reconhecem*, numa perspectiva adorniana) e, portanto, muito difícil a tentativa de se inserir outros referenciais: o raso argumento “mas as crianças gostam...” continua sendo utilizado (sobre isso ver NOGUEIRA, 2001).

Nesse sentido, crianças são alvo das estratégias mercadológicas da indústria fonográfica. Reconhecido como importante filão econômico, inúmeros produtos de qualidade estética discutível são postos à venda, muitos deles ancorados em sólidas campanhas junto à televisão, particularmente nos horários destinados à programação infantil. Na contramão deste processo, artistas comprometidos com a formação musical das crianças a partir de um repertório rico e criativo encontram grandes dificuldades em romper com as barreiras impostas pelas grandes gravadoras e pelas redes de TV. Dessa forma, permanecem restritos a um pequeno público, em função da pouca visibilidade de suas produções independentes ou lançadas por selos ainda modestos.

Procurando alertar educadores a respeito dessa situação e fornecendo-lhes o contato com produções musicais de boa qualidade, iniciamos em 2002 um período de estreita relação com a Secretaria de Educação do Município de Goiânia. Nestes encontros, sugerimos a aquisição não só de livros, obviamente fundamentais, mas também de CDs, possibilitando às crianças e aos educadores o acesso a diferentes compositores e a gêneros musicais diversificados. Após esse período, ficamos cientes de que a Divisão de Educação Infantil dessa Secretaria havia elaborado projeto prevendo a aquisição de uma listagem de CDs para serem enviados aos Centros Municipais de Educação Infantil (CMEIs).¹ É importante ressaltar que esta aquisição fazia parte de uma política de educação infantil da então gestão dessa secretaria, não se constituindo em uma ação isolada.

Após quase um ano de contatos e esforços junto às lojas de discos da cidade, em virtude da pouca disponibilidade dos títulos escolhidos, em geral veiculados por gravadoras pequenas e com dificuldades de distribuição, foram entregues, em agosto de 2003, *kits* com 6 CDs para 53 CMEIs. É interessante ressaltar que a aquisição não foi um processo fácil: como já foi salientado, produções de boa qualidade estética não são tão fartas e acessíveis quanto as produções comerciais. Nenhuma loja de discos no município de Goiânia dispunha de número suficiente de CDs para atender à encomenda da Secretaria. A alternativa encontrada foi a da compra direta por meio de representantes das gravadoras. Com isso, buscou-se equacionar o problema levantado por muitos educadores: o da dificuldade em se adquirir um material musical diferenciado, de forma a oferecer às crianças referências musicais diferentes daquelas massivamente veiculadas pela indústria cultural.

Sentimos, então, a necessidade de acompanhar este processo - o da utilização da coletânea musical adquirida -, uma vez que o acesso de crianças e educadores a um acervo de maior qualidade estética tem sido sempre uma bandeira defendida por nós. Pretendíamos, neste acompanhamento, verificar os possíveis ganhos em relação ao trabalho pedagógico com a linguagem musical, a partir de um repertório diferenciado e de boa qualidade. Buscou-se avançar no conhecimento das possibilidades da música no ambiente da Educação Infantil, verificando os limites e o alcance da atuação dos educadores como mediadores entre a criança e a linguagem musical.

¹ Este listagem compreende os CDs: Mil Pássaros (Palavra Cantada), Canções de Brincar (Sandra Peres e Paulo Tatit), Enrola-bola (Rubinho do Vale), Circo (Arrelia, Antônio Nóbrega e outros), Canções Curiosas (Sandra Peres e Paulo Tatit), Meu pé, meu querido pé (Hélio Ziskind), Canção dos direitos das crianças (Toquinho), Villa-Lobos para crianças (Funarte), Os saltimbancos (Chico Buarque).

2. A pesquisa nos CMEIs

Iniciamos, em abril de 2004, uma pesquisa que teve como objetivos principais: acompanhar o trabalho pedagógico musical desenvolvido em instituições de Educação Infantil de Goiânia, analisar os limites e as possibilidades de atuação de educadores como mediadores entre crianças e a linguagem musical e desenvolver estratégias de ação colaborativa entre universidade e instituições de Educação Infantil, tendo em vista o aprimoramento da prática docente relativa à linguagem musical.

Esta pesquisa caracterizou-se por uma orientação qualitativa. Buscou-se uma aproximação com o fenômeno investigado, a partir de etapas que poderiam acontecer de forma não linear. Estas eram as principais etapas do trabalho investigativo: 1) Levantamento bibliográfico acerca da temática *Música na Educação Infantil*, incluindo livros, trabalhos apresentados em eventos de alcance na área tais como reuniões da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Educação (ANPED), Congresso Paulista de Educação Infantil (COPEDI), reuniões da Associação Nacional de Pesquisa em Música (ANPOM) e congressos da Associação Brasileira de Educação Musical (ABEM) e revistas especializadas, compreendendo o período entre 1996 (pela promulgação da LDBEN) a 2003; 2) Estudo criterioso do material musical (CDs, fitas e vídeos) existente nas instituições de Educação Infantil a serem acompanhadas (cinco CMEIs); 3) Observação das práticas docentes musicais e entrevistas semi-estruturadas com os educadores das instituições selecionadas; 4) Análise dos dados; 5) Redação do relatório final.

Após o levantamento dos trabalhos referentes à música na Educação Infantil nos eventos citados, percebeu-se com mais veemência o quanto é menosprezado esse campo de estudos. O levantamento limitou-se a um reduzidíssimo número, ainda assim muitas vezes tratando-se do mesmo trabalho enviado para eventos diferentes. Os trabalhos apresentados nos eventos específicos de Educação Infantil apresentavam, quase sempre, deficiências de ordem teórica: boa parte deles limitava-se a apresentar experiências didáticas, quase sempre refêns de concepções tradicionais de educação musical. Também foi possível perceber certa ingenuidade em grande parte destes trabalhos: a linguagem musical é vista como algo natural, “apenas vivências”, como se o trabalho pedagógico a partir dela não necessitasse de aprimoramento, isto é, como se a música não tivesse especificidades e conteúdos próprios.

Já nos trabalhos apresentados nos eventos da área de educação musical, o problema era diverso: a deficiência concentrava-se na falta de entendimento da Educação Infantil como primeira etapa da Educação Básica. Percebeu-se, com frequência, desconhecimento sobre as lutas em torno da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN), sobre os materiais e documentos oficiais como o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (RCNEI), entre outros; ou seja, uma total falta de articulação com o conhecimento produzido na área de Educação Infantil. Teve-se a impressão de que os autores acreditavam que o conhecimento específico da linguagem musical os desobrigasse de um conhecimento específico na área da educação da criança pequena. Em geral, esses trabalhos apresentavam propostas de trabalho inviáveis para a realidade das instituições de Educação Infantil, sendo muito mais adequados para espaços específicos como escolas de música e conservatórios.

Diante desse quadro, o grupo de pesquisa² decidiu concentrar-se apenas nos poucos trabalhos que apresentassem avanços e contribuições, os quais foram devidamente estudados e discutidos.

O passo seguinte foi o da análise do material musical presente nos CMEIs, isto é, os CDs enviados pela Secretaria de Educação de Goiânia. É importante ressaltar que boa parte dos CDs eram conhecidos pelos integrantes do grupo de pesquisa, sendo mesmo utilizados pelas professoras-pesquisadoras como ferramentas de trabalho nas suas próprias práticas docentes. Ainda assim, pensamos que seria interessante determinarmos mais em cada um dos títulos, a fim de verificar, com propriedade, as inúmeras possibilidades de trabalho musical que esses títulos possibilitariam. Após uma sistemática de trabalho em que cada CD foi apresentado por um membro da equipe e praticamente para cada uma das faixas foi elaborada uma atividade/projeto, ficou claro para nós que as possibilidades pedagógicas daquele rico acervo eram ilimitadas. Contraditoriamente, foi verificado que nas instituições pesquisadas, mesmo tendo recebido esse acervo, os CDs mais ouvidos, isto é, os escolhidos pelas educadoras para serem executados para as crianças, eram os grandes sucessos comerciais, cujos trabalhos pedagógicos musicais limitavam-se àquilo que é apresentado na TV, inclusive com a reprodução fiel das coreografias e movimentos. Outra forma frequente de utilização dos CDs era como música ambiente, isto é, sem nenhuma preocupação com uma escuta ativa por parte das crianças. Vale ressaltar que mesmo a opção pela prática

² Esta investigação foi coordenada por mim, mas contou com a colaboração de alunas e professoras da rede pública de ensino de Goiânia.

da apreciação musical pressupõe um direcionamento pedagógico por parte do educador, isto é, nada que se assemelhe a um mecânico ato de ligar o aparelho de som para se “ouvir” qualquer canção enquanto acontece o lanche ou se espera a chegada do responsável, ao final do dia.

Após essas etapas da investigação, deu-se início ao trabalho de campo, propriamente dito. Os cinco CMEIs investigados foram escolhidos de forma a abarcar o maior número de realidades diferentes dentro da mesma rede. Nesse sentido, os CMEIs eram localizados em bairros/setores diferentes, cobrindo todas as macro-regiões da cidade de Goiânia. Do ponto de vista da estrutura física, a mesma busca pela diversidade: havia desde CMEIs recém construídos, dentro de uma política de educação infantil que previa espaços específicos para a faixa etária de 0 a 6 anos, até mesmo instituições improvisadas em casas de aluguel, dentro de áreas de invasão e luta pela posse da terra urbana. Por outro lado, uma homogeneidade, a nosso ver positiva, se impôs: em todos os agrupamentos de crianças percebemos a presença de dois adultos: o educador (em geral pedagogo, às vezes licenciado em outra área) e o agente educativo (professor formado em nível de magistério, antigo 2º. grau).

Os CMEIs foram visitados por duplas de pesquisadoras em, pelo menos, três ocasiões, após o contato inicial com a direção de cada um deles. Nestas ocasiões, as pesquisadoras passavam longos períodos (tardes ou manhãs) observando a rotina da instituição, particularmente no que dizia respeito às práticas musicais.

Após as observações, pudemos fazer algumas constatações. Em primeiro lugar, percebeu-se que a música é mesmo sub-utilizada. Ela não está presente na rotina das crianças e as poucas atividades com a linguagem musical aconteciam sem a intervenção das educadoras (música ambiente). Na maioria dos CMEIs vimos que a direção e a coordenação pedagógica também não estimulavam práticas musicais. A exceção que confirmou a regra aconteceu em um CMEI cuja diretora havia sido estimulada, na sua formação inicial, para o papel da arte na formação das crianças e devido a este fato buscava sempre oferecer às educadoras o máximo de apoio na realização deste tipo de atividade. Um exemplo disso é que neste CMEI havia um aparelho de som para cada agrupamento de crianças, fato este lembrado pela diretora como sendo fruto de uma luta pessoal junto às instâncias superiores. Infelizmente, percebeu-se que nem mesmo com o apoio da direção, este recurso vinha sendo utilizado com frequência. Segundo ela, algumas educadoras demoraram mais de um mês para buscar o aparelho de som junto à coordenação pedagógica. Apenas no agrupamento do berçário pôde-se constatar o

aparelho de som ligado em atividades de massagem e estimulação dos bebês, prática essa, aliás, iniciada pela coordenadora pedagógica quando era então a educadora responsável neste segmento. Em mais de uma ocasião, observamos práticas como a de dispor as crianças sentadas em frente à TV para assistirem passivamente a um vídeo (em geral os da apresentadora Xuxa), enquanto que as educadoras se dedicavam a outros afazeres.

Quanto aos CDs enviados pela Secretaria, sua utilização nos pareceu muitíssimo abaixo da esperada. Cabe ressaltar aqui que nosso interesse no acompanhamento da utilização deste CDs, como já foi explicitado anteriormente nos objetivos dessa investigação, reside justamente no fato de que ao longo de nossa trajetória como educadora e formadora de outros educadores, o argumento da falta de acesso a um repertório de qualidade sempre foi apresentado pelos educadores como sendo o grande entrave para um trabalho musical efetivo e pedagogicamente consistente. Ao perceber que mesmo recebendo uma listagem rica como a já citada, o trabalho com a linguagem musical não cresceu em qualidade nem em quantidade na maioria absoluta dos CMEIs, entendemos que o argumento inicial não era assim tão consistente.

Uma série de fatores merecem ser analisados no desenvolvimento esta questão, mas vale ressaltar que previamente ao envio dos CDs foram ministradas oficinas aos educadores por parte de membros da Divisão de Educação Infantil, visando justamente familiarizá-los com aquele repertório. O que se percebeu é que boa parte dos educadores não ficaram sensibilizados com as múltiplas possibilidades pedagógicas que aquele material poderia concretizar. Prova disso é que em alguns CMEIS foi notado que os CDs enviados eram menosprezados, enquanto que o que se colocava para as crianças ouvirem eram os mesmos de sempre: CDs das apresentadoras de programas infantis televisivos e de música evangélica³.

Após o período de observação, foi feita uma entrevista semi-estruturada com alguns educadores (em especial aqueles que houvessem realizado atividades com música durante a observação). As questões formuladas versavam sobre como a música aparecia nos planejamentos, se a chegada da coletânea de CDs havia trazido transformações e, por fim, qual a importância da música na Educação Infantil como um todo.

³ Cabe esclarecer que o movimento neo-pentecostal em Goiás tem crescido vertiginosamente; sua influência nos espaços educacionais tem sido observada por nós com preocupação, uma vez que a opção religiosa pessoal da educadora não deveria estar presente nas suas práticas pedagógicas em espaços de educação pública.

De forma geral, percebeu-se que a música aparecia nos planejamentos das educadoras de forma muito desigual e, o que é mais grave, nem sempre o fato de constar no planejamento diário significava um trabalho efetivo com as crianças. Exemplificando: por vezes, o canto estava descrito no planejamento como atividade de rotina, mas nos períodos de observação essa prática não foi verificada.

Quanto à chegada da coletânea de CDs, houve certa unanimidade no discurso. A maioria absoluta das entrevistadas elogiou a iniciativa, algumas delas confirmando terem levado alguns títulos para casa a fim de se inteirarem melhor de todo o seu conteúdo, principalmente aquelas que haviam participado das oficinas ministradas pela Divisão de Educação Infantil. Apesar disso, poucas foram as observações da utilização deste repertório.

Quando perguntadas sobre a importância da música na Educação Infantil, repetiu-se o que Almeida observa: “ainda que professores especialistas e não especialistas acreditem nas vantagens do ensino em artes e apontem alguns desses benefícios, eles são incapazes de apresentar justificativas para suas crenças” (2001, p. 13). Nota-se, ao nosso ver, que o problema reside na falta de arcabouço teórico destas educadoras no sentido de ancorarem suas práticas. O aparecimento exaustivo de clichês (“as crianças gostam muito de música”, “música é bom porque acalma”, o ambiente fica melhor com música” etc) aponta para a fragilidade teórica de suas formações iniciais no que diz respeito às linguagens artísticas, nas quais a música, enquanto disciplina ou conteúdo específico, raramente aparece.

Conclusão

Ainda que esta investigação possibilite outras frentes de interpretação e que se constitua em uma tímida iniciativa neste carente campo de estudos, acreditamos que algumas ponderações devam ser reafirmadas, à guisa de conclusão.

Nesta pesquisa ficou claro que o grande entrave ainda reside na formação, inicial e continuada, das educadoras infantis. Obviamente não estamos desconhecendo a relevância de iniciativas como a da aquisição de material musical de qualidade para as instituições de Educação Infantil: no caso específico deste estudo, ainda que as conseqüências imediatas tenham sido tímidas, continuam sendo louváveis, pois, na nossa opinião, se pelo menos uma educadora for atingida, muitas crianças já terão sido beneficiadas. No entanto, em termos de política pública, não é possível deixar de

reconhecer que as deficiências na formação das educadoras abortam boa parte do alcance destas iniciativas.

Já nos referimos ao pouco espaço dedicado às linguagens artísticas, em particular a música, na formação dos educadores infantis, o que se faz visível nas grades curriculares dos cursos de Pedagogia em boa parte do país. Por outro lado, também ainda é tímida e desigual a movimentação dos cursos de licenciatura em música na busca de um melhor embasamento na produção teórica sobre Educação Infantil. Prova desta desigualdade é o fato de que nos estados da região sul do país esta aproximação vem rendendo bons frutos e é responsável pela maior parte da produção teórica sobre educação musical; contudo, se levarmos em conta as dimensões do país, é fácil reconhecer que em uma grande parte dos cursos de licenciatura em música, a produção teórica da área de Educação Infantil é ignorada.

É mais do que urgente a consolidação dessa parceria: tanto pedagogos quanto especialistas em música teriam muito a contribuir no avanço do trabalho musical com a criança pequena. Por ora, esperamos comparecer a este debate no sentido de construir canais que efetivamente possam resultar em propostas concretas e viáveis para a inserção da linguagem musical nos espaços de Educação Infantil, não em momentos fragmentados e estanques, mas presente no cotidiano destas crianças como mais uma de suas inúmeras formas de expressão.

BIBLIOGRAFIA:

- ADORNO, T. W. *O fetichismo na música e a regressão da audição*. Coleção Os Pensadores. São Paulo: Abril Cultural, 1983.
- ALMEIDA, Célia M. de C. Concepções e práticas artísticas na escola. In: FERREIRA, Sueli (org.). *O ensino das artes – construindo caminhos*. Campinas: Papirus, 2001.
- BARBOSA, Ana Mae. *Teoria e prática da educação artística*. São Paulo: Cultrix, 1985.
- BEYER, Esther (org.). *Idéias em educação musical*. Porto Alegre: Mediação, 1999.
- BRASIL. Ministério da Educação. *Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil*. 3º. volume. Brasília: MEC/SEF, 1998.
- BRITO, Teca Alencar de. *Música na Educação Infantil*. São Paulo: Peirópolis, 2003.
- EDWARDS, Carolyn et alii (orgs.). *As cem linguagens da criança: a abordagem de Reggio Emilia na educação da primeira infância*. Porto Alegre: Artmed, 1999.
- FARIA, Ana Lúcia G. de et alii (orgs.). *Por uma cultura da infância*. Campinas: Autores associados, 2002.
- FUSARI, Maria F. de R. e FERRAZ, Maria Heloísa C. de T. *Arte na Educação Escolar*. São Paulo: Cortez, 1992.
- KRAMER, Sônia e LEITE, Maria Isabel (orgs.). *Infância: fios e desafios da pesquisa*. Campinas: Papirus, 1996.
- _____. *Infância e produção cultural*. Campinas: Papirus, 1998.
- LEITE, Maria Isabel. Desenho Infantil: questões práticas e polêmicas. In: KRAMER, S. E LEITE, M. I. (orgs.) *Infância e produção cultural*. Campinas: Papirus, 1998.
- MACHADO, Maria Lúcia de A. *Encontros e desencontros em Educação Infantil*. São Paulo: Cortez, 2002.
- NOGUEIRA, Monique Andries. Música, consumo e escola: reflexões possíveis e necessárias. In: PUCCI, Bruno et alii (orgs.). *Teoria crítica, estética e educação*. Campinas/Piracicaba: Autores Associados/UNIMEP, 2001.
- NOGUEIRA, Monique Andries. *A formação cultural de professores ou a arte da fuga*. Tese de doutorado. São Paulo: FEUSP, 2002.
- SNYDERS, Georges. *A escola pode ensinar as alegrias da música?* São Paulo: Cortez, 1992.
- SOUZA, Jusamara et alii (orgs.). *O que faz a música na escola?* Porto Alegre: UFRGS, 2002.